TL 3380

ABÍLIO ARAÚJO

DUAS QUESTÕES PERTINENTES:

O EXERCÍCIO DO PODER

E

O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO

(Discurso de Abertura proferido por ocasião da abertura da Reunião Intra-Timorense de Burg-Schlaining, Austria, de 19 a 22 de Março de 1996)

ABÍLIO ARAÚJO
VIENA - AUSTRIA
19/03/96 a 22/03/96

CARÍSSIMOS COMPATRIOTAS,

Estamos, de novo reunidos para dar continuidade ao diálogo já encetado, nos últimos tempos, entre as várias sensibilidades e correntes de opinião política timorense sobre o presente e o futuro do nosso Povo.

Guardo boas e gratas recordações dos vários encontros já realizados em que desbravámos os caminhos do nosso relacionamento pessoal e colectivo. Onde imperavam a divisão, a intolerância, o egoísmo, a conspiração e o ódio pouco a pouco o sentido da fraternidade assente nos laços comuns de sangue e da terra herdada dos nossos maiores foi-se impondo e afirmando - qual caudal portentoso de águas revoltas das nossas montanhas e encostas virentes do nosso Timor pouco a pouco se detém nas planícies e nos vales e se reparte pelos mais variados espaços emprestando os seus dons de irrigação fertilizando a terra, banhando as culturas e saciando as fontes e nascentes.

Tenho a convicção de que este Forum em boa hora patrocinado pela ONU é um espaço inestimável para a troca sincera de opiniões entre as lideranças históricas de Timor, na busca incessante de consensos em torno de questões realizáveis e não utópicas.

O complexo problema político de Timor foi por nós herdado e também por nós criado. Nessa medida, não podemos enjeitar a nossa quota-parte de responsabilidades, e muito menos, alijar para outros a assunção de responsabilidades fazendo de nós meros galos de luta para gáudio de espectadores e negócios de apostadores colocados fora do círculo-arena de combate.

Congratulo-me hoje, por ser já inegável constatar e reconhecer que este Forum teve a sua génese numa Iniciativa Conjunta de Timorenses de boa-vontade, da diáspora e do interior, e que marcou o início da Reconciliação Timorense. Importa que se diga sem quaisquer equívocos que ela inaugurou a busca de uma Via Timorense, num contexto asiático, para um reencontro do Povo de Timor consigo mesmo, a sua História e a sua inserção no espaço geo-político, étnico-cultural e histórico que naturalmente lhe cabe.

É consensualmente aceite de que o problema político de Timor se mantém hoje como uma herança do colonialismo europeu e do conflito Leste-Oeste, daí o ter referido mais atrás que foi por nós herdado e criado.

ABÍLIO ARAÚJO
VIENA - AUSTRIA
19/03/96 a 22/03/96

Durante séculos, Timor viveu sob um colonialismo retrógrado porque estruturado num conservadorismo anacrónico - o colonialismo português.

Os índices económicos e sociais registados nos últimos anos da presença colonial portuguesa citados pelo Prof. Dr. Luís Filipe Thomaz (in "De Ceuta a Timor") explicam à saciedade a inexistência de uma elite cultural e economicamente desenvolvida, em Timor, capaz de entender e ler, com sabedoria, os acontecimentos ocorridos, nos anos de 1974 e 1975, em Portugal, Sudeste Asiático e no mundo. O que hoje se aceita com naturalidade como a imaturidade e a falta de experiência da nossa geração de dirigentes timorenses, nada mais é senão a constatação de uma realidade social, política, económica e histórica inegavelmente atrasada e hipertrofiada que além do mais estava terrivelmente isolada do mundo que a rodeava, e que era o Timor Português.

Semeado na vastidão do arquipélago indonésio mas desligado dele, Timor Português andou sempre descompassado tanto em relação ao movimento nacionalista e emancipalista dos Povos da Ásia do Sudeste do pós-guerra mundial de 1942-45, como também não acompanhou e não integrou o Movimento de Libertação dos Povos das Colónias Portuguesas - CONCP. Isto de modo algum quer dizer que, na História contemporânea, não tivessemos pegado em armas contra o colonialismo português.

Durante a ocupação nipónica de Timor, as chamadas "colunas negras" tiveram uma acção anti-colonial de renome à semelhança das forças nacionalistas da Indochina, Malásia e da Indonésia de Sukarno, e viram no Exército Nipónico um aliado na luta contra o colonialismo europeu. A falta de uma estratégia e direcção política do movimento "Colunas Negras" levou à sua desactivação que permitiu o retorno triunfal da Administração Portuguesa, em 5 de Setembro de 1945, e a consequente deportação de muitos dos seus dirigentes e membros para a ilha de Ataúro onde encontraram a prisão, a tortura e a morte quantas vezes, em circunstâncias da mais horrível memória.

Outro acontecimento de grande significado foi a revolta anti-colonial de 1959 cujos contornos continuam ainda muito pouco claros mas cuja natureza anti-colonial é notória a julgar pela indescritível repressão colonial que se seguiu à sua descoberta pelas autoridades coloniais.

Assim permaneceu Timor sob o colonialismo português enquanto na nossa região do Sudeste Asiático processos conturbados de transformação iam tendo lugar com os seus Povos assumindo a condução dos seus destinos históricos.

Mesmo no contexto das restantes colónias portuguesas, Timor era uma entidade marginal cujo exemplo de "fidelidade a Portugal" era amiúde apontado como protótipo e exemplo bem sucedido da política ultramarina do regime na continuação do "Portugal uno, multirracial e pluricontinental".

Quando no começo dos anos 70, chegaram a Portugal as primeiras vagas dos estudantes de Timor para frequentarem as Universidades Portuguesas, uma outra realidade se lhes deparou .- a realidade do Movimento anti-colonial dirigido pelos Movimentos de Libertação, em África, e a sua poderosa influência no meio universitário português onde menos de uma dezena de Timorenses contrastava com largas centenas de Estudantes africanos cuja vinda a Portugal tinha começado nos finais da década de quarenta, com Agostinho Neto (Angola), Amilcar Cabral (Guiné-Bissau), Marcelino dos Santos (Moçambique), fundadores do MPLA, PAIGC e FRELIMO.

Salvo raras excepções, a maioria dos poucos estudantes timorenses foi contagiada por esse poderoso movimento anti-colonial. É desta época, o ensaio por mim escrito sob o título "As Elites em Timor". Nele já apontava o grande gap e atraso existente entre a formação das novas elites em Timor e as das colónias portuguesas de África. Não exagero, se disser que Timor apresentava, neste domínio, um atraso de, pelo menos, vinte anos.

Em 1974, o 25 de Abril em Portugal colheu-nos a todos de surpresa. Os povos das outras colónias rejubilaram porquanto viram naquele acontecimento o resultado da conjugação do seu combate anti-colonial com a frente anti-fascista do movimento democrático português.

Como timorense e responsável, reconheço que, para nós, o 25 de Abril foi extemporâneo !!!
Não só não tinhamos tido qualquer participação activa e directa no eclodir da madrugada libertadora para o Povo Português e para os Povos das colónias de África, como não tinhamos sequer lançado as bases de um movimento popular unificado com credibilidade interna e internacional para apresentar um projecto político coerente e representativo para o período pós-colonial de Timor.

Daí para cá, todos temos bem viva na memória a sequência dos acontecimentos que tiveram lugar após a apresentação das três opções representadas pela UDT, FRETILIN e APODETI.

Assim, em 28 e 29 de Novembro de 1975 perante a demissão das responsabilidades da Potência Administrante, os partidos politicos de Timor foram obrigados a assumir nas suas mãos a responsabilidade de em nome do Povo de Timor proclamarem perante o mundo a sua decisão de exercer o direito à auto-determinação.

Portugal retirou-se do território que se transforma em palco de luta e disputa entre os movimentos timorenses, tendo as Forças Armadas da República da Indonésia apoiado as pretensões do MAC constituído pela APODETI - UDT - KOTA e Trabalhistas.

Daí para a frente, o Povo de Timor roído pelas suas próprias contradições internas recentes e marcado ainda pelas rivalidades sobreviventes da conflitualidade inter-étnica, conhece o início de um período muito negro de incrível auto-fagia para o que muito contribuiu o silêncio, o apoio e a compreensão do Ocidente, de que Portugal faz parte, à guerra de destruição da República Independente de Timor proclamada pela FRETILIN.

Nesse período de combate desigual, Portugal buscava o seu reencontro consigo mesmo na Europa após 5 séculos de peregrinação pelo mundo e na procura da Rota das especiarias. Dir-se-ia que Portugal reduzido ao seu rectângulo ibérico tinha definitivamente encerrado o seu ciclo histórico nos Mares do Sul deixando os Timorenses exercer a sua auto-determinação como bem entendessem sem quaisquer tutelas ou paternalismos.

Encerrado o ciclo europeu em Timor e desfeita a bipolarização do mundo, Timor aparece-nos como uma realidade que, infelizmente, ainda não acertou o passo ao ritmo da sua região. Postado no elo mais longínquo e mais fraco do Império, não usufruiu das suas benesses "porque até dava prejuízo", tendo perdido o combóio da emancipação dos Povos do Sudeste Asiático em 1945-49, e das colónias portuguesas de África, em 1975.

Hoje, passados mais de 20 anos, é imperioso proceder-se a uma reavaliação e análise do problema político de Timor. A realidade global, mundial e regional alterou-se profundamente bem como a situação interna, em Timor. Contudo, os nossos actos políticos estão gravados na História que não pode negar, razão por que não os renegamos em momento algum.

Como ficou realçado mais atrás, Timor não tem tido, ao longo da sua História recente, um ritmo próprio e autónomo de desenvolvimento. Ao invés, foi sempre arrastado por acontecimentos e movimentos exógenos que não tiveram em conta os interesses específicos de Timor e das suas gentes. Para isso muito contribuiu o facto de Timor ter sempre vivido quer à margem do Império Colonial Português quer à margem da Região em que Timor se situa geográfica e politicamente.

COMPATRIOTAS,

A poucos anos do início do III milénio, Timor confronta-se com velhos e novos desafios.

É imperativo olhar Timor com olhos asiáticos de ver e encarar os desafios do nosso tempo. Sem nunca perder de vista a nossa identidade ou o modo de ser específico de Timor, é imperativo buscar e preservar o nosso espaço, cooperando e integrando-nos no convívio multi-étnico e cultural da vastíssima Comunidade geo-política em que estamos inseridos.

Creio não ser já possível fazer recuar os ponteiros do relógio com o pretexto de se retomar o processo de descolonização através do Referendo que muitos de nós recusámos em 1974 e 1975.

Mas também creio que devemos recusar a manutenção de um status quo imobilista que assente nas divisões do passado mantém situações de autêntica exclusão social de parcelas da sociedade timorense potenciadoras de conflitos e clivagens que em nada contribuem para a Reconcialiação da grande família timorense.

Refiro-me, claramente, aos nossos irmãos que se encontram na guerrilha, aos presos por razões políticas, aos nossos jovens sem emprego e sem perspectivas de o obter e às famílias marginalizadas e que não têm o sossego necessário para trabalhar e ganhar o pão do seu suor e para educar os filhos e lhes dar um futuro mais condigno.

Reconheço, porém, que a persistência nas duas posturas extremadas, - ou seja, a reinvindicação do Referendo e a recusa de alterar o status quo imobilista - somente nos conduz à permanente instabilidade social e política que mais afecta a nossa juventude, causando o desnorte e o descaminho e que já levou à sangria de vários jovens rumo à Europa para onde já deviamos ter vindo há cerca de cinquenta anos e não agora em que a Europa procura os caminhos da Ásia ...

ABÍLIO ARAÚJO
VIENA - AUSTRIA
19/03/96 a 22/03/96

ABÍLIO ARAÚJO
VIENA - AUSTRIA
19/03/96 a 22/03/96

Tenho vindo a procurar um caminho para a defesa e desenvolvimento do Povo de Timor.

Tendo rejeitado a confrontação radical das duas posições dominantes e ultimamente expressas no debate político interno e internacional, busquei o diálogo reconciliatório intra-timorense como porta para outros entendimentos possíveis, tendo como objectivo último a Paz, a Justiça e o Desenvolvimento físico e espiritual do nosso Povo.

Hoje acredito nos sinais positivos e encorajadores que assomam no nosso horizonte temporal.

Há uma clima de confiança que se instaura entre os timorenses do interior e da Diáspora afastando os medos, ressentimentos ou egoismos recalcados. Creio haver um consenso gradual entre nós sobre a necessidade de apaziguar a sociedade timorense, timorizar a vida do território, libertar os presos por motivos político-ideológicos, descomprimir política e militarmente o território e criar um clima de estabilidade social interna. Sem a estabilidade dificilmente podemos gerar outros consensos quanto à eliminação dos factores que ao longo dos anos, impediram a instauração de Harmonia, Paz e Concórdia entre os Timorenses.

De modo algum pretendo dizer que seja possível fazer recuar os ponteiros do relógio e ignorar acontecimentos que nós mesmos provocámos no passado não remoto. Pretendo, sim, dizer que busco uma Terceira Via para um entendimento entre os protagonistas timorenses que fizeram História em 74 e 75 para, a uma só voz, buscarmos o modelo de exercício de poder que melhor sirva o nosso Povo, e em que ele possa ter um papel interventor directo e autónomo, na condução dos seus destinos históricos sem esquecer que passámos a fazer parte da Comunidade que nos rodeia não só por imperativo da nossa História milenar como dos desafios de desenvolvimento na era da Globalização.

A salvaguarda da nossa identidade cultural e histórica, o respeito pela liberdade de culto e harmonia religiosa, a pacificação interna, a promoção e defesa dos direitos humanos constam necesariamente no modelo referido a par de um modelo de desenvolvimento equilibrado e de crescimento sustentado em que concorrem simultaneamente tanto os empreendimentos capital-intensivos como os de trabalho-intensivos.

Vivemos uma época em que a nossa região conhece um desenvolvimento vertiginoso e galopante.

É necessário termos visão suficiente e força anímica necessárias para nos concentrarmos no trabalho árduo e persistente com vista ao desenvolvimento dos nossos Recursos Humanos, à aprendizagem e assimilação das modernas Tecnologias, bem como para não desperdiçarmos as oportunidades que se nos apresentam de transferência de capitais para o desenvolvimento dos sectores estratégicos de Timor.

É preciso passar a mensagem do trabalho às gerações presentes.

Os Recursos Humanos, a Tecnologia e algum Capital são a trilogia necessária para o arranque e desenvolvimento de qualquer Comunidade ou Povo que aspire a pertencer às Novas Economias Industrializadas.

Reconheço hoje, e mais particularmente após a minha recente visita à Indonésia que, apesar dos problemas destes vinte anos, o Governo da Indonésia procurou promover o desenvolvimento de Timor e catapultá-lo ao nível das regiões limítrofes tendo iniciado pela área do desenvolvimento dos Recursos Humanos.

A persistente instabilidade no território não propiciou o desenvolvimento de empreendimentos geradores de emprego e formação profissional assim como inviabilizou a transferência de capitais para os investimentos nos sectores produtivos da economia de Timor. Ao invés, privilegiaram-se as relações mercantis que em pouco contribuiram para a formação do tecido industrial de Timor.

COMPATRIOTAS,

Nesta oportunidade saudo o senhor Secretário Geral da ONU pelo seu empenho na condução do debate da questão de Timor, e em particular, pelos seus bons ofícios no sentido de, com todas as partes interessadas, se alcançar para Timor uma solução justa, global e internacionamente aceitável.

Infelizmente, creio poder afirmar com propriedade de que passados catorze anos desde o início das conversações entre Lisboa e Jakarta, pouco ou nada de substantivo se alcançou.

Nos últimos anos, os Ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da Indonésia têm-se debruçado particularmente sobre o diálogo intra-timorense que se está a transformar num dos principais temas das conversações.

Por isso mesmo, julgo mais avisado apelar, neste Forum, tanto a Lisboa como a Jakarta para, descomplexadamente, encararem a questão dos vários níveis das relações displomáticas entre os dois Países como mais uma medida no quadro da criação do clima de confiança, e também uma medida susceptível de imprimir um novo impulso ao diálogo intra-timorense.

Com efeito, receio que a existência permanente de um clima de deconfiança entre os dois Países venha deitar por terra o pouco já alcançado nos últimos anos, podendo mesmo chegar-se ao esgotamento das potencialidades que o diálogo intra-timorense encerra.

Foi por isso que saudei o encontro entre o senhor Presidente Suharto e o senhor Primeiro Ministro António Guterres, em Bangcoque, durante a Cimeira Euro-Asiática como um acontecimento histórico capaz de impulsionar novos desenvolvimento a curto e médio prazo.

A reaproximação entre os Timorenses não será um êxito se não for também acompanhada por uma atitude idêntica entre Portugal e Indonésia, e creio que estão reunidas as condições básicas para que não haja qualquer retrocesso que teria consequências sérias e graves para o futuro do Povo de Timor.

ABÍLIO ARAÚJO

O EXERCÍCIO DO PODER

E

O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO

(Recortes da Imprensa)

(Discurso de Abertura proferido por ocasião da abertura da Reunião Intra-Timorense de Burg-Schlaining, Austria, de 19 a 22 de Março de 1996)

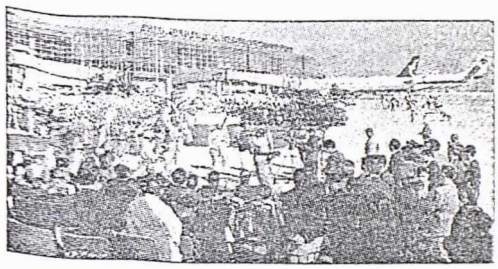
DIÁRIO DE NOTÍCIAS,

SÁBADO, 9 DEZEMBRO 1995

POLÍTICA

TIMOR-LESTE

Abílio Araújo defende solução com Jacarta - **Página 8**



ABÍLIO ARAÚJO DEFENDE SOLUÇÃO NEGOCIADA COM A INDONÉSIA

«O tempo corre contra nós»

O tempo não está a favor de Timor-Leste e os Timorenses devem procurar uma solução para o futuro do território com o actual Presidente indonésio. Abílio Araújo está convicto de que o pós-Suharto «será pior para Timor».

ABEL COELHO DE MORAIS

O Presidente da Indonésia está a protagonizar um processo de abertura controlada no seu país que pode ser útil à causa de Timor-Leste. Para Abílio Araújo, que se afirma presidente da Fretilin e responsável pelo comité daquela organização em Portugal («a maior estrutura da organização no exterior, com 130 militantes»), este processo facilita o já de si «necessário relacionamento» dos Timorenses com a Indonésia, «para o bem de Timor».

O ritmo dos acontecimentos a nível internacional e na Indonésia «não corre a nosso favor»; é importante que os Timorenses entendam que o momento actual não é o mais favorável, na medida em que se limita a *congelar* a situação nos seus actuais contornos. Por isso, Araújo entende que a estratégia que preconiza, «para uma aproximação entre Portugal e a Indonésia», pode ser a mais favorável para Timor. «Temos de encontrar uma solução com o Presidente Suharto»; sem ele, será pior para Timor.

Na perspectiva do diálogo político na procura de uma solução para Timor, Abílio Araújo defende que os encontros de reconciliação têm a virtude de representar um «caminho timorense para a paz, a justiça e o desenvolvimento, independentemente de concepções políticas e de concepções para o futuro de Timor», sejam elas a integração, a independência ou uma autonomia mais alargada. As diferentes partes podem manter através do diálogo as suas posições de princípio na construção de uma solução, mas atingir-se, no final, algo diferente daquilo que originalmente se pensara.

É certo que a maioria dos timorenses está descontente com a presença indonésia no território, pelas mais variadas razões: «excessivo número de militares, a transmigração [a chegada a Timor de milhares de indonésios vindos de outras ilhas, enquanto é estimulada a saída de timorenses], a absorção da entidade cultural». Este «descontentamento social» não é sinónimo de «uma luta pela independência» mas de uma reivindicação em favor da «timorização» da vida pública no território, isto é, em linhas gerais, menor presença militar indonésia e fim da transmigração.

Abílio Araújo deixou de acreditar na solidariedade internacional; após 20 anos de ocupação indonésia, quase nada mudou por acção daquela, que Araújo considera «fraca». Quanto à vaga de *assaltos* esta semana registada a embaixadas na capital indonésia com o objectivo de assinalar as duas décadas da invasão, são «típicas acções

AP

A RESISTÊNCIA está sem direcção, diz Abílio Araújo

espontaneístas» que não vão levar a lado nenhum. «Quando Jacarta não deixava sair os Timorenses, estas acções» chamavam a atenção para a situação no interior do território. Mas, argumenta o dirigente da Fretilin, após o primeiro encontro de reconciliação, em Dezembro de 1993, quando as autoridades indonésias começaram a autorizar a saída dos grupos que ocupavam embaixadas, acções deste tipo «tornaram-se uma banalidade» e, na opinião de Araújo, provam que a resistência «está desestruturada», não passando hoje de um estado de espírito, «não tem cabeça, tronco e membros» e as autoridades indonésias «conhecem todos lá dentro». Assim, «não se admirem que, mais cedo ou mais tarde, se descubra que houve e há muita acção comandada pelos indonésios».

O facto de Xanana reivindicar para si a condução da resistência a partir da prisão de Cipinang é interpretado pelo dirigente da Fretilin «como uma prova da grande fragilidade da resistência».

Quanto ao passado, Abílio Araújo diz-se à vontade para fazer a sua autocrítica e para carregar a quota-parte das suas responsabilidades. Desde 1991 que vem criticando a direcção imprimida por Xanana Gusmão à luta da resistência e admite hoje que as negociações entre os militares indonésios e a guerrilha – por iniciativa do actual líder da resistência, lembra o dirigente da Fretilin em Lisboa – que tiveram lugar em 1983 acabaram por beneficiar a estratégia de Jacarta, que, pouco depois, consegue em larga medida desmantelar o aparelho clandestino e a estrutura militar da resistência. O único aspecto positivo dos contactos entre o comandante militar indonésio e o dirigente da guerrilha, concede Abílio Araújo, «foi facultar algumas condições para o acesso da resistência ao exterior». Por um preço muito elevado, sustenta.

Amanhã:
Os negócios do petróleo entre a Indonésia e a Austrália no Timor-Gap

Um «enorme irrealismo»

O RADICALISMO nas palavras e nos actos da Fretilin é apontado como uma das causas da invasão indonésia. Vítor Alves, que acompanhou o *dossier* timorense, em 74 e 75, e que manteve contactos com dirigentes dos principais partidos, considera «que nenhum deles tinha noção das suas limitações», e principalmente a Fretilin cultivava um «enorme irrealismo». Um dia, para chamar «à realidade» alguns dos dirigentes daquela organização, o ex-conselheiro da Revolução teve de se «pôr aos gritos» para lhes moderar a divagação ideológica. Abílio Araújo concorda com o diagnóstico de Vítor Alves; a maioria dos dirigentes timorenses não teve, na época, uma avaliação certa da situação e hoje todos se «mostram arrependidos».

Para o último governador de Timor, brigadeiro Lemos Pires, a «Fretilin sempre quis mostrar que era o partido que mandava, e procurando imitar o comportamento» dos movimentos de libertação africanos, falando de «zonas libertadas e instalando controlos nas estradas, mas desaparecendo sempre que apareciam as nossas tropas».

Se o contexto geopolítico não foi entendido em Portugal, muito menos o foi pelos Timorenses. Jacarta não podia aceitar «uma ilha vermelha, uma Cuba a seu lado», pensa Alfredo Martinho, que prestou serviço militar em Timor até Agosto de 75. A radicalização da linguagem da Fretilin era «fruto da influência dos estudantes que vinham de Lisboa», um «corpo teorizador à distância que não percebeu que se vivia uma conjuntura bastante distinta da de Lisboa», diz Alfredo Martinho. E a interferência de alguns furriéis e alferes no processo político, «por opção própria e pessoal, pois não havia qualquer orientação nesse sentido», em nada contribuiu para tranquilizar a Indonésia. Um exemplo revelado por Lemos Pires: «No plano do curso de sargentos timorenses em Aileu havia uma "cadeira" de teoria marxista»; o comandante da unidade retirou-a do currículo, assegura o brigadeiro; mas este tipo de notícias era o que corria mais depressa e que mais danos trazia à situação política interna e à imagem externa do processo político.

De qualquer modo, havia uma coisa, pelo menos, que os dirigentes da Fretilin e da UDT tinham a obrigação de saber, considera Alfredo Martinho: é que «a Indonésia invadiria se fossem para uma independência *tout court*».

A imaturidade política está ligada, para Abílio Araújo, à inexistência de «uma elite cultural, não havia um único escritor no território; as pessoas contentavam-se em estudar até ao antigo 5.º ano». A «nossa geração estava com trinta anos de atraso em relação às gerações contemporâneas no resto das ex-colónias», em termos culturais e políticos. E Abílio Araújo recorda um episódio para ilustrar esse desfasamento: «Depois de Abril de 1974, encontro-me com Mário Pinto de Andrade e este diz-me que, em Bandung, os representantes de Angola e Moçambique haviam andado à nossa procura.» E ficaram muito «surpreendidos por não nos encontrarem».

POLÍTICO TIMORENSE CONFIRMA

DESLOCAÇÃO À INDONÉSIA NO FINAL DO ANO

Abílio Araújo certo em Jacarta

Abílio Araújo confirma a realização da sua visita a Jacarta no final do ano e o encontro com o Presidente indonésio, Suharto, mesmo que tenha pela frente a contestação de alguns integracionistas. A viagem justifica-a pela necessidade de dialogar com todas as correntes timorenses e pelo desejo de encontrar uma solução política para o território.

ABEL COELHO DE MORAIS

«As datas da minha visita à Indonésia estão confirmadas», disse Abílio Araújo ao DN e irá realmente deslocar-se a Jacarta. O político timorense punha assim fim a algumas especulações que se teceram, nos últimos dias, na capital indonésia sobre a viagem e que ganharam maior amplitude ao saber-se que partidários da integração tinham tomado algumas iniciativas contra a sua realização.

«Vou passar o fim do ano a Jacarta», disse Araújo.

«Obtive nos últimos dias a confirmação da visita e do encontro com o Presidente Suharto», após contactos quer com o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas indonésias quer com uma das figuras mais importantes do regime, o ministro coordenador da Política e da Segurança (Polkam). Este é um superministério, que supervisiona várias áreas, desde os Negócios Estrangeiros à Administração Interior.

Quanto à natureza do encontro com o Presidente Suharto, Araújo confirma que se trata de uma reunião de trabalho que «terá lugar no palácio da presidência». Sobre o estatuto da sua visita à Indonésia, já se mostra mais reservado: «Digamos que a visita não é particular, mas também não é oficial.»

Adiantando que a sua viagem tem lugar porque vai «ao encontro» dos interesses e da estratégia das autoridades indonésias para a questão de Timor, Abílio Araújo diz que «o Governo português está informado da deslocação e será mantido ao corrente da situação».

As notícias de contestação e alguns actos públicos de crítica à viagem que vai iniciar após o Natal não surpreendem minimamente o dirigente político timorense. «Eles [os sectores integracionistas] receiam o futuro e procuram intrometer-se num processo em que finalmente se está a mexer no *statu quo*» e do qual, garante, poderão surgir resultados positivos para Timor.

O político timorense, apesar das críticas proferidas também pela Resistência perante esta iniciativa, continua a considerar fundamental o «diálogo com Jacarta», para se alcançar a «construção de uma solução» para o problema político de Timor. Para já, insiste na necessidade de pôr de lado as opções de fundo, para que «seja possível uma discussão donde possa nascer uma solução».

DN

ABÍLIO ARAÚJO: Governo português «sabe da minha viagem»

Quanto à finalidade da visita, Abílio Araújo anuncia que pretende privilegiar, além da vertente política, a área económica. «Quero levar investimentos portugueses, timorenses e estrangeiros para Timor», com o objectivo de promover o desenvolvimento dos sectores estratégicos.

No plano político, Abílio Araújo defende que há quatro grandes áreas a debater na questão de Timor. Em primeiro lugar, a pacificação entre os Timorenses, com a «descompressão político-militar do território»; em segundo lugar, a desmilitarização do território, que significa, na óptica do político timorense, «a redução do número de efectivos indonésios»; em terceiro lugar, a reconciliação entre os Timorenses, e, finalmente, Abílio Araújo preconiza uma «maior timorização» da vida pública e administrativa: «São necessários mais timorenses nos órgãos da administração do território e no controlo da vida económica e produtiva.»

Abílio Araújo é acompanhado por outros seis timorenses, um dos quais «membro fundador da Fretilin e dois ex-presos políticos de Cipinang», e irá permanecer na Indonésia cerca de duas semanas. A hipótese de uma deslocação a Díli «está fora de causa nas actuais circunstâncias» e só se justificaria por motivos pessoais, acrescenta.

PÚBLICO

28.12.95

Joaquim T. de Negreiros

POLÍTICA

Suharto pode cancelar audiência a Abílio Araújo

Desorientação em Jacarta

Abílio Araújo corre o risco de regressar a Lisboa sem se ter encontrado com Suharto. A audiência presidencial parecia assegurada, com o apoio do sector tecnocrata do poder indonésio. O problema é que os militares não gostaram da ideia e puseram o ministro da Informação a dizer que não estava nada agendado.

O timorense Abílio Araújo, que viajou para Jacarta para se encontrar com Suharto, não deverá ser recebido pelo Presidente indonésio.

A possibilidade de uma audiência no Palácio Presidencial foi ontem afastada pelo ministro Harmoko, o titular da pasta da Informação no Governo de Suharto. Harmoko, cujas declarações foram citadas pela agência indonésia Antara, não explicou as razões para a inviabilidade do encontro, limitando-se a dizer que o contacto entre Abílio Araújo e o Presidente indonésio não estava agendado.

Se o encontro não vier de facto a acontecer, fica em grande medida gorada uma viagem cuidadosamente preparada por Abílio Araújo há meses. Fica também patente o desfecho de um braço-de-ferro entre as várias correntes que hoje mantêm uma convivência difícil no seio do poder indonésio, com aparente vantagem para os militares que costumam ter em Harmoko um fiel porta-voz.

A viagem de Abílio Araújo à Indonésia contava com o apoio empenhado do embaixador indonésio em Londres, irmão do poderoso ministro da Indústria e Tecnologia, Habibe. Depois de ter tido um papel crucial na organização dos chamados encontros de "reconciliação" em Inglaterra — que Abílio Araújo coprotagonizou com o embaixador integracionista Lopes da Cruz e que lhe valeram a expulsão da Fretilin — o representante diplomático indonésio em Jacarta, em articulação com o irmão ministro, moveu influências para garantir o êxito da viagem do timorense, que enfrentava já a aberta hostilidade do sector dominante da resistência.

O provável cancelamento do encontro, que estava previsto para hoje, corresponderia, portanto, a uma derrota do ministro Habibe e da linha tecnocrática que joga no delicado equilíbrio de poderes em Jacarta e de que ele é o mais destacado representante.

Derrota dos tecnocratas e correspondente vitória dos militares mais duros, que encaram Timor-Leste como uma questão encerrada.

Não deixa de ser significativo que o chefe das Forças Armadas indonésias, general Feisal Tanjung, tenha escolhido a passada terça-feira — dia em que Abílio Araújo iniciou a viagem — para anunciar que não havia qualquer intenção de reforçar o efectivo militar indonésio no território. Isto quando a desmilitarização de Timor-Leste surgia à cabeça do elenco de assuntos que Abílio tencionava abordar no encontro com Suharto.

Aparentemente, os militares não se contentaram em desvalorizar esse encontro e decidiram movimentar-se para que ele, pura e simplesmente, não ocorresse.

Acusações muito graves

Com ou sem audiência no Palácio de Suharto, a viagem de Abílio Araújo a Jacarta voltou a levantar uma onda de críticas e acusações por parte dos sectores timorenses mais próximos de Ramos Horta, dirigente do Conselho Nacional da Resistência Maubere (CNRM) e líder da chamada Comissão Coordenadora da frente Diplomática, que agrupa, para além do CNRM, a

Abílio Araújo: sombras sobre uma viagem programada ao milímetro

UDT e a Fretilin que Abílio representava em Portugal antes de ser expulso.

Roque Rodrigues, um dos mais destacados representantes deste sector, assumiu algumas das posições mais contundentes. Ontem, em declarações ao PÚBLICO a partir de Luanda, acusou Abílio Araújo de actuar "enquadrado" pelos serviços secretos indonésios.

"Seria muita inocência acreditar que a Indonésia não tem um ninho de espiões a trabalhar em Portugal", diz Roque Rodrigues. Sem acusar Abílio Araújo de ser um dos "espiões", considera que a sua actividade desde o processo de "reconciliação" está em consonância com um dos principais objectivos dos serviços secretos de Jacarta: dividir a resistência timorense no exterior e minar a sua credibilidade.

Para este dirigente da resistência, o "ambicioso" Abílio Araújo teria desta vez ultrapassado as suas competências como instrumento da estratégia de Jacarta, ao anunciar um encontro com Suharto que não era bem visto pelos militares indonésios.

Roque Rodrigues chama ainda a atenção para o facto de tudo isto se passar a menos de um mês de mais uma ronda no processo de conversações sobre Timor-Leste envolvendo os ministros dos negócios Estrangeiros de Portugal e da Indonésia, sob os auspícios do secretário-geral da ONU.

Um dos assuntos que estará sobre a mesa dos ministros e de Butros Ghali é a realização de um segundo encontro intratimorense. Um formato paralelo às negociações entre ministros, onde Abílio Araújo gostaria de garantir um papel importante. E que os militares mais duros em Jacarta consideram uma inutilidade. ■

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
30 DEC 1995

ENCONTRO DE ABÍLIO ARAÚJO COM PRESIDENTE INDONÉSIO AINDA EM ABERTO

À espera de Suharto

Continua por decidir se o político e empresário timorense Abílio Araújo vai ou não encontrar o Presidente indonésio durante a sua deslocação a Jacarta.

ABEL COELHO DE MORAIS

Permanece uma incógnita a hipótese de Abílio Araújo se encontrar ou não com o Presidente Suharto durante a sua viagem à Indonésia. Num contacto estabelecido ontem com um elemento do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros indonésio, o DN soube que estão a ser estudadas as modalidades possíveis do político timorense *dar de caras* com Suharto.

O cenário mais plausível parece ser o do encontro orquestrado de modo a surgir como produto do acaso, ou seja, Araújo estaria presente num determinado sítio por onde passaria também o Presidente da Indonésia. Tudo deve concorrer para que, nas informações dadas ao DN, «pareça que os dois se cruzam acidentalmente».

O face-a-face de Abílio Araújo com Suharto só deverá ocorrer depois de 1 de Janeiro de 1996 e reveste-se «de natureza estritamente privada». Mas, foi sublinhado, nada disto está estabelecido em «termos definitivos». A presença de Araújo na capital indonésia prolonga-se até final da primeira semana do próximo ano.

No contacto com Jacarta houve ainda oportunidade de confirmar que, ao contrário do anunciado na edição de ontem, o ex-dirigente da Fretilin sempre esteve presente na cerimónia de segunda-feira onde se encontravam o Presidente Suharto, sua mulher, assim como o vice-presidente Try Sutrismo, igualmente acompanhado da mulher, e ainda o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ali Alatas. A cerimónia, em que estiveram presentes numerosos funcionários públicos e militares, durou cerca de uma hora e quinze minutos e, conforme foi dito, em termos protocolares, não «era possível» nem faria sentido que o encontro dos dois se efectuasse nesta particular circunstância.

DN

▶ ABÍLIO ARAÚJO: a expectativa do encontro com Suharto

Todos estes passos adiante e atrás, assim como as informações contraditórias veiculadas por diversos sectores políticos indonésios e pelos adeptos da integração, exemplificam as leituras antagónicas que os círculos do Poder em Jacarta fazem da deslocação de Araújo.

Segundo partidários da integração ouvidos pelos DN, o sector militar exerceu bastantes pressões para que a visita do político timorense não se realizasse e que, menos ainda, fosse coroada por um encontro com o Presidente da Indonésia. «Os militares estão irritados com o facto de Abílio Araújo se recusar a fazer uma declaração formal de que aceita a integração», passo político que aquele se recusa a dar porque teme «esgotar» o seu *peso específico* junto das autoridades de Jacarta se o fizer.

A comunicação social indonésia não se tem preocupado muito com a visita de Araújo; apenas um diário de Jacarta noticiou a sua chegada. Por seu lado, a imprensa de Timor não fez qualquer referência à deslocação do ex-dirigente da Fretilin. Mas diversas personalidades timorenses tornaram pública uma declaração, criticando a visita daquele e discordando do encontro com o Presidente Suharto. As personalidades são o presidente do Parlamento de Timor, António Parada, os deputados daquela Assembleia, Manuel Carrascalão e Salvador Ximenes, e ainda o membro do Parlamento de Jacarta, Florentino Sarmento.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, SEXTA-FEIRA 5 JANEIRO 1996

SUHARTO E ARAÚJO FRENTE A FRENTE

Um encontro algures em Jacarta

Deve realizar-se hoje o encontro entre o político e empresário Abílio Araújo e o Presidente Suharto. Uma reunião algures na capital indonésia, numa casa particular.

ABEL COELHO DE MORAIS

Abílio Araújo encontra-se hoje com o Presidente Suharto numa residência particular na capital indonésia, soube o DN em Jacarta. O encontro apresentará características informais, devendo *sugerir* a impressão de um acaso.

O frente-a-frente entre o político timorense e Suharto não deverá ser muito longo e Abílio Araújo dirigir-se-á ao Presidente em português, devendo este responder em língua indonésia.

O embaixador Lopes da Cruz, que declarou hoje à Lusa ter sido o intermediário desta deslocação, servirá de intérprete. A designação dada a este encontro pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de Jacarta é que, insistindo no carácter particular da viagem, se trata de «uma troca de cumprimentos» em que o político e empresário timorense agradecerá a Suharto o ter autorizado a sua visita.

As mesmas fontes negaram que Araújo já se tivesse encontrado com Suharto, como o primeiro afirmava ontem em declarações à agência Lusa. De facto, Abílio Araújo afirmou, num contacto com a Lusa em Macau, que já conversara «um pouco» com o Presidente Suharto e que aguardava agora o momento de ter com ele «um encontro de trabalho» até ao fim-de-semana.

Na mesma ocasião, Araújo garantiu que a sua deslocação estava a decorrer de um modo muito positivo e que por esse motivo iria prolongar a sua estada «até dia 12». O DN soube que permanecem em aberto três datas possíveis para a viagem de regresso: dias 8, 12, como referido por aquele, ou mesmo dia 14.

O prolongamento da estada pode relacionar-se também com o facto de alguns contactos com entidades indonésias terem ficado *congelados* até ser ponto assente se haveria, ou não, um face-a-face entre Suharto e Araújo, situação resultante de um intenso duelo entre vários sectores do regime sobre se era ou não aceitável a deslocação daquele à Indonésia antes de Araújo aceder a uma condição tida por indispensável pelo decisivo sector militar, ou seja, ele declarar publicamente que aceitava o actual *statu quo* em Timor. Associado a isto, quer o regime indonésio quer o empresário timorense procuraram dar significados diferentes à deslocação deste.

O embaixador Lopes da Cruz declarou entretanto à Lusa que a visita de Araújo ocorre no âmbito do «espírito dos encontros de reconciliação de Londres, em que não foi posto em causa o estatuto político de Timor-Leste». Segundo Lopes da Cruz, Araújo solicitara-lhe «um encontro a título particular» com Suharto, e este concordou.

Ameaças a Ramos-Horta

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, afirmou ontem que o Governo português garante «toda a protecção» necessária ao dirigente da resistência timorense José Ramos-Horta, que teria sido alvo de uma ameaça de morte através da Internet. Jaime Gama, citado pela agência Lusa, disse desconhecer o conteúdo da ameaça a Ramos-Horta, mas garantiu que Portugal lhe concederá toda a protecção, desde que seja solicitada.

O representante especial de Xanana Gusmão no Conselho Nacional da Resistência Maubere (CNRM) foi ontem alvo de uma ameaça assinada por um grupo denominado Sparrow Unit. Falando à Lusa, Ramos-Horta disse que vai solicitar a protecção do Governo e pedir a este que intervenha junto da União Europeia (UE) no sentido de serem adoptadas medidas dissuasoras que impeçam a Indonésia de concretizar actos terroristas contra dirigentes da resistência. «Como cidadão português, vou solicitar ao Governo, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que tome medidas junto da UE para impedir que a Indonésia cumpra as suas ameaças», disse à Lusa.

CAPITAL

11 JANUARY 96

ABÍLIO ARAÚJO PREOCUPADO COM O DESENVOLVIMENTO DE TIMOR

O político timorense Abílio Araújo considera que a prioridade em Timor Leste deve ser o desenvolvimento, mesmo que para isso o território tenha de continuar sob ocupação indonésia. Em entrevista à agência Lusa, dois dias depois de ter regressado de uma visita à Indonésia, durante a qual foi recebido pelo presidente Suharto, Araújo reconheceu que mudou de perspectiva em relação à questão timorense.

Depois de, durante anos, como presidente da FRETILIN, ter defendido a autodeterminação da ex-colónia portuguesa, o político-empresário considera actualmente que a independência «sem desenvolvimento seria cair num retrocesso».

«Neste momento, quem pode desenvolver Timor Leste é a Indonésia, que está lá», disse Abílio Araújo.

O timorense justifica esta mudança de perspectiva com o arrastar das conversações entre Portugal e a Indonésia para encontrar uma solução para o território, que poderão prolongar-se «por mais 10, 15 ou 20 anos».

Araújo assegura, porém, que o facto de ter abandonado a luta pela independência não significa que tenha decidido apoiar a integração do território na Indonésia.

«Hoje em dia, já não ponho essas questões (integração ou independência). Vejo as coisas numa perspectiva mais ampla», que coloca, acima da decisão sobre o estatuto político, a necessidade de desenvolver Timor Leste, explica.

O próprio Araújo está decidido a promover o desenvolvimento do território, motivo que o levou a promover o projecto de construção de uma barragem em Lospalos, na ponta leste da ilha, existente desde o tempo da colonização portuguesa.

Araújo, que tem outro projecto que pretende também pôr em prática – a produção industrial de tomate em Timor Leste para exportação –, desafia ainda os outros empresários e técnicos timorenses a investirem no território.

«Quero catapultar Timor ao nível dos países mais desenvolvidos da zona» como Singapura, Tailândia ou Malásia, garantiu.

Nesta perspectiva, Abílio Araújo afirma-se disposto a aceitar eventuais acusações de que as suas iniciativas empresariais correspondem ao reconhecimento da soberania indonésia: «Não me preocupo se vou dar trunfos à Indonésia, a minha preocupação são os timorenses.»

O empresário admite mesmo sacrificar a sua carreira política em troca da construção do empreendimento hidroeléctrico, que o levou a associar-se a figuras destacadas do regime indonésio, como o embaixador em Londres, Habibie (irmão do ministro da Ciência e Tecnologia), e o governador de Timor Leste, Abílio Osório.

«Ficaria feliz se a barragem fosse construída, mesmo que isso seja o fim da minha carreira política», afirmou.

Araújo sublinhou, porém, que a eleição do desenvolvimento como prioridade em Timor Leste não pode ser dissociada do respeito pelos direitos humanos, já que as duas questões constituem, na sua óptica, «um binómio inseparável».

Sobre o seu encontro com Suharto, o principal objectivo da sua visita de 14 dias à Indonésia, Araújo afirmou ter recebido do presidente a garantia, que «vão ser tomadas medidas para melhorar a situação no território».

Abílio Araújo escusou-se, porém, a especificar quais serão essas medidas antes de as explicar, sexta-feira, ao ministro dos Negócios Estrangeiros português, Jaime Gama.

Neste contexto, disse apenas que informou Suharto sobre a estratégia que, em seu entender, permitirá criar um clima propício ao desenvolvimento de Timor Leste, e que assenta em quatro pilares: pacificação, desmilitarização, timorização da administração e reconciliação.

Relativamente à desmilitarização, Araújo considera que a presença militar em Timor Leste é «exageradíssima», já que o número real de tropas é «muito maior do que o número oficial».

«Neste momento, quem pode desenvolver Timor Leste é a Indonésia, que está lá», disse Abílio Araújo

DIÁRIO DE NOTÍCIAS 8/1/96

TIMOR-LESTE

Abílio Araújo comenta encontro com Suharto

ABEL COELHO DE MORAIS

«ACREDITO que a actual situação em Timor-Leste pode ser melhorada e talvez mesmo alterada», disse Abílio Araújo numa conversa telefónica com o DN a partir de Jacarta, fazendo o balanço da «reunião de trabalho» que teve com o Presidente Suharto no final da semana passada. O político e empresário timorense garante ter encontrado na Indonésia «vontade de encontrar uma solução» para Timor-Leste, assim como o desejo de que «Portugal coopere na busca dessa solução». O encontro com Suharto acabou por ter lugar na residência oficial, o Palácio do Sândalo, e estiveram presentes, além de Araújo, o embaixador indonésio em Londres, Lopes da Cruz e o tradutor oficial do Presidente, tendo-se prolongado por «uma hora e cinco minutos», duração considerada «excepcional» pelos círculos oficiais, segundo Araújo. Este reuniu-se ainda com Ali Alatas para estabelecer pistas para a solução da questão de Timor e de que dará conhecimento, «quando voltar», ao responsável pela diplomacia portuguesa, Jaime Gama.

Araújo reconheceu que iniciara a viagem «extremamente preocupado», porque Jacarta se manifestava de forma crescente contrária à realização dos «encontros intratimorenses»; mas, segundo Araújo, Suharto garantiu-lhe que, «se essa é a vontade dos Timorenses, os encontros vão continuar». O próximo realizar-se-á depois do encontro entre Portugal e a Indonésia, sob os auspícios da ONU, previsto para o dia 16 em Londres.

O silêncio que manteve perante a comunicação social portuguesa e indonésia justifica-o Araújo pelo facto de «me encontrar entre vários fogos e de não querer envolver-me em polémicas» que diminuíssem o impacte e os interesses políticos e económicos em causa. Quanto às informações contraditórias surgidas de vários quadrantes, o político timorense atribui-as a sectores no Governo de Jacarta ou a círculos próximos das principais alas, a «militar» e a «tecnocrática», que procuram influenciar o rumo do regime. Por outro lado, é evidente que a aproximação de Araújo a Jacarta contribui para retirar protagonismo a personalidades que no exterior têm mantido uma relação privilegiada com a Indonésia. Para o político timorense, o tratamento de alto nível atribuído ao seu grupo e o «ambiente muito cordial em todos os encontros» são exemplos do papel que pode desempenhar e de Jacarta o reconhecer como um interlocutor indispensável na questão de Timor.

Interrogado sobre as críticas da resistência, Araújo pensa que chegou o momento «de o outro lado pensar» se está ou não empenhado na busca de uma solução ou se quer «fazer de Timor apenas um modo de vida».

Quanto ao capítulo económico, Araújo reconhece que se deslocou a Jacarta para negociar importantes projectos «agro-industriais, a construção de uma fábrica de cimentos, que não existe em Timor», investimentos no turismo e na indústria do mármore. No centro das discussões nesta matéria esteve a barragem hidroeléctrica na lagoa de Iralalara, em Los Palos, e que irá aproveitar um importante curso de água subterrâneo, projecto que Araújo classifica como um «megaprojecto», adiantando que estão a «fazer-se já estudos sobre a composição geológica da área».

ABÍLIO ARAÚJO, EM ENTREVISTA AO DN, ANUNCIA NOVA VIAGEM À INDONÉSIA

Quero encontrar-me com Xanana

Abílio Araújo prepara nova deslocação à Indonésia e deseja encontrar-se com Xanana Gusmão nessa altura. E garante existirem correntes no regime de Jacarta que procuram «uma solução» para Timor.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, QUARTA-FEIRA 17 JANEIRO 1996

ABEL COELHO DE MORAIS

«O Governo indonésio aceita que Xanana é parte da solução para o problema de Timor», disse Abílio Araújo ao DN numa entrevista realizada horas antes de Jaime Gama se mostrar disposto a encontrar o líder da resistência timorense em Jacarta. Este deve participar nos encontros de reconciliação, defende Araújo, que diz ter obtido da Indonésia garantias do cancelamento da política de transmigração para Timor.

Diário de Notícias – Qual é o balanço que faz da sua viagem à Indonésia e do encontro com Suharto?

Abílio Araújo – O balanço é extremamente positivo. Em primeiro lugar, a Indonésia respeitou os termos e o enquadramento da minha visita. A visita decorreu no âmbito dos encontros de reconciliação que lancei em 1993, e nesse sentido todos os contactos que tive com as autoridades indonésias foram no sentido de apelar a Jacarta para permitir a continuação do diálogo intratimorense. As autoridades e o Presidente garantiram que irá prosseguir o diálogo. Também no âmbito das reivindicações surgidas dos encontros, quero frisar que a política de transmigração para Timor está cancelada. Foi-me garantido que, em consideração à especificidade e à situação no território, o Governo deixou de a promover.

DN – No âmbito do diálogo intratimorense, quais são os objectivos a que os timorenses podem aspirar?

AA – Creio que, antes do mais, aproximar os líderes timorenses em torno das questões que podem gerar consenso. Elas são a timorização da vida pública e social, política e económica...

DN – Isso é subscrito por todos os que participam nos encontros?

AA – Todos falam em privado, os que estão cá fora, os que estão lá dentro. Mas até agora não fomos capazes (e eu incluo-me nesse grupo) de sintetizar um pensamento único, coerente, em torno dessas questões. Por isso,

(1)

considero importante o diálogo porque há objectivos que pressinto serem partilhados por toda a gente: a salvaguarda da integridade física do povo de Timor e a manutenção da identidade cultural dos timorenses.

DN – Acha que é isso: a integridade física, ou seja, o respeito dos Direitos Humanos e a preservação da identidade cultural, que é o máximo que se pode esperar da Indonésia ou é possível elevar as expectativas?

AA – Acho que é legítimo esperar mais. Mas temos de começar por algum ponto.

DN – Mas coloca-se a questão de algo que vá além da identidade cultural e dos Direitos Humanos?

AA – Uma vez atingido o consenso sobre essas questões, poderemos levantá-las junto da Indonésia. Em Jacarta apercebi-me que há uma vontade subjacente de melhorar ou mesmo alterar a situação. Mas isso depende em grande parte dos timorenses. Porque temos de ver que, até há algum tempo, havia duas posições radicalmente opostas: integração ou referendo. É no confronto entre duas posições inconciliáveis que procuro uma terceira via no sentido de encontrar uma dinâmica que possa gerar novas dinâmicas.

DN – Essa dinâmica deve ser estendida a todos os dirigentes da resistência?

AA – A reconciliação é um processo que tem de ser abrangente. Considero que todos devem participar...

DN – Todos?!

AA –... Xanana Gusmão, Ramos-Horta, Mário Carrascalão, João Carrascalão, Abílio Osório, todos...

DN – Quem é vai participar no próximo encontro?

DN-Pedro'Mensurado

ABÍLIO ARAÚJO: o diálogo intratimorense é um instrumento para resolver a questão de Timor-Leste

(2)

CRIAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA QUE O POVO «VIVA E SOBREVIVA»

ELEVAR O RENDIMENTO DOS TIMORENSES

Em Jacarta, Abílio Araújo manteve contactos de natureza económica, associando o seu nome a vários empreendimentos em Timor-Leste. O político e empresário timorense justifica esta atitude com a preocupação de «melhorar o nível de vida» e o desenvolvimento do território.

DN – Falemos da componente económica da sua viagem a Jacarta. Quem investe num território como Timor-Leste espera estabilidade política e a manutenção da situação vigente. Não corresponde isso a um reconhecimento da integração na Indonésia?

AA – Não recuso essa leitura, mas ponho sempre o interesse das populações e dos benefícios que elas podem tirar destes investimentos. Há um grande problema social em Timor, que é o desemprego da mão-de-obra qualificada que sai das universidades...

DN – Mão-de-obra timorense?

AA – Timorense! Em Timor não há indústria, nos últimos 20 anos a Indonésia investiu em vários sectores, nas infra-estruturas e na educação,m mas noutros sectores não há sinais visíveis de investimento. Quero elevar o rendimento dos timorenses e melhorar o seu nível de vida.

DN – É esse o motivo fundamental do seu envolvimento nestes projectos?

AA – Considero que Timor não pode continuar nesta situação de incerteza, os timorenses não podem estar à espera do seu desenvolvimento a partir de uma independência cuja realização ainda não é previsível. Isto tem criado na mente da juventude e da população em geral grandes ilusões. Há necessidade de criar condições para que o povo viva e sobreviva.

DN – Estes investimentos contribuem para isso?

AA – Penso que sim. Há sectores estratégicos da economia timorense que, a serem desenvolvidos, irão melhorar o nível e a qualidade de vida dos timorenses. Eu vejo a economia de Timor integrada no vasto espaço do Sudoeste asiático, como hoje vemos a economia portuguesa inserida num contexto europeu. Qualquer que seja o futuro de Timor, a sua economia tem de ser desenvolvida porque o ritmo do Sudoeste asiático é acelerado. A batalha de Timor é também pelo desenvolvimento e, quer queiramos quer não, é a Indonésia que pode contribuir para o desenvolvimento.

AA – As informações que possuo indicam que serão os mesmos que estiveram na Áustria. Mas vamos precisar de fazer mais encontros. Sou dos que consideram ser importante que aqueles sejam em Timor.

DN – É possível a participação de Xanana nesses encontros?

AA – Pela minha parte, desejo isso. E procurarei dar o meu contributo para que seja realidade a presença de Xanana nos encontros.

DN – Como é que caracteriza a situação em matéria de Direitos Humanos em Timor-Leste?

AA – Continuo a pensar que há casos de violação dos Direitos Humanos quando a tropa entra impunemente nas casas a qualquer hora do dia. Isto é uma das coisas que manifestei em Jacarta, e os comandos centrais já me garantiram que iriam tomar medidas para evitar isso.

DN – Os Direitos Humanos foram abordados no encontro com Suharto?

AA – Sim, de um modo geral... Mas não queria entrar em mais pormenores.

DN – Falou em Xanana Gusmão. Mantém contactos com ele?

AA – Não directamente. Quando estive em Jacarta, mandei-lhe cumprimentos através de pessoas amigas e ele escreveu-me um bilhete muito simpático e contactei com o braço-direito dele e falei ao telefone com pessoas que estão na prisão com ele.

DN – Vai encontrar-se com Xanana quando regressar à Indonésia?

AA – Vou diligenciar para que, na próxima ida à Indonésia, possa encontrar Xanana, e gostaria que essa visita tivesse como objectivo principal encontrar-me com ele e discutir o caminho que estamos a desbravar.

DN – As autoridades indonésias permitirão esse encontro? Segunda pergunta: caso venha a realizar-se, não incomodará alguns sectores do regime?

AA – Em relação às autoridades indonésias, penso que não irão colocar obstáculos; se existirem, terão de ser justificados. Em relação aos outros sectores, creio que se todos estamos empenhados em que Xanana tenha o seu papel neste processo, o meu encontro com ele será de facto uma contribuição para a procura de uma solução.

DN – Há um lugar para Xanana na procura de uma solução política para Timor e isso é reconhecido pela Indonésia?

AA – Na Indonésia considera-se Xanana uma pessoa com um passado de respeito e isso é um capital; por isso mesmo ele não poderá ficar de fora de uma solução para o problema de Timor.

3

E. Timor leader stresses reconciliation

Jak. Post 8/1/96 (OT)

JAKARTA (JP): An East Timorese separatist leader based in Europe is urging all Timorese to reconcile their differences and work together in the development of the territory.

"My personal commitment is to see that the East Timorese youths work together to develop East Timor," Abilio Araujo told journalists yesterday at the conclusion of his visit here for talks with Indonesian government officials.

Araujo, who lives in Portugal, ducked questions of whether he has denounced or still adheres to the separatist cause.

Apart from the Indonesian government, the Timorese themselves have an obligation to build their province, he said. "It is the duty of the East Timorese who have the ability to make a contribution," he said before leaving Indonesia.

During his week-long visit, Araujo met with President Soeharto and several cabinet ministers, including Minister of Foreign Affairs Ali Alatas, State Minister of Research and Technology B.J. Habibie and

Antara

ABILIO ARAUJO

Minister of Education and Culture Wardiman Djojonegoro.

The former Portuguese colony of East Timor was integrated as Indonesia's 27th province in 1976. Several Timorese, however, continue to oppose the integration and have fled abroad to wage an international campaign against Indonesia.

Though known as one of the leading East Timorese separatist leaders, Araujo, unlike fellow Fretilin leader Ramos Horta, has tempered his position in the last two years and actively pursued reconciliation among Timorese.

Along with Indonesia's ambassador-at-large for East Timor affairs, Lopes da Cruz, Araujo initiated the 1993 and 1994 meetings in England which brought together integration supporters and opponents. Both men attended the All-Inclusive East Timor Dialog in Austria last year.

Araujo acknowledged yesterday the billions of rupiahs of funds invested by Jakarta on East Timorese development, saying that many changes would not have occurred without the government's financial assistance.

He explained that during the meeting with Soeharto he urged the President to continue with the government's commitment to the province.

"I asked *Bapak* President to please continue to love the East Timorese," he said, adding that "there is still a lot to do."

Accompanied by Lopes da Cruz and Indonesian Ambassador to Britain Junus E. Habibie, Araujo seemed satisfied and impressed by the reception given to him and the warm welcome from Soeharto.

Apart from financial assistance, Araujo stressed the importance of creating a stable sociopolitical environment there as a basic prerequisite to economic development. "As a Timorese I am concerned. My concern is the fact that we need stability in East Timor, we need development," he said.

Araujo stressed the importance of stability in the province several times, but did not detail how it should be achieved or the causes of the prevailing situation.

Nevertheless, he admitted that "stability is still not completely reached...We should not pretend that the problem does not exist."

Of his visit here, Araujo said it was in the context of an inter-East Timor dialog, and in the spirit of Christmas.

Without being specific, he revealed that many people in Portugal opposed his trip to Indonesia and his meeting with President Soeharto.

When pressed for his stance on East Timorese independence, Araujo remained vague and said that his position is to support reconciliation and the ongoing talks between the Indonesian and Portuguese foreign ministers under the aegis of United Nations Secretary-General Boutros Boutros-Ghali.

The seventh round of the trilateral talks will be held in London on Jan. 16.

Meanwhile in Dili, Portuguese journalist Luis Pires from the *RTP International* media, conducted a two-day visit of the province over the weekend, *Antara* reported.

On Saturday he went to the Aileu regency, about 50 kilometers south of Dili, to see a monument commemorating the victims of a massacre by Fretilin forces during the civil war in East Timor.

According to *Antara*, Pires is the ninth Portuguese journalist that has been allowed to visit East Timor. **(mds)**

JP 8/1/96 OT Jakarta Post 8/1/96

KOMPAS 5/1/96

Abilio Araujo Menemui Komnas HAM di Jakarta

Jakarta, Kompas

Otonomi yang mendekati pengertian suatu negara tersendiri bagi Timor Timur adalah bertentangan dengan hukum tata negara Indonesia. Yang mungkin dicapai adalah otonomi dalam arti memperbesar peran DPRD, dan pelaksanaan yang lebih mantap mengenai "pertimbangan khusus" dalam ketentuan-ketentuan integrasi.

Demikian Komisi Nasional Hak Asasi Manusia (Komnas HAM) kepada sejumlah delegasi Portugal yang dipimpin pemuka antiintegrasi Timtim warga Portugal, Abilio Araujo, dalam pertemuan selama dua jam di Hotel Hilton Jakarta Selasa (2/1) lalu.

Araujo, yang diantar Dubes Keliling (RI) untuk tugas khusus Francisco Lopes da Cruz serta Dubes RI untuk Inggris, F Habibie, bertemu dengan Komnas HAM setelah lebih dulu diterima Menteri Luar Negeri, Ali Alatas. Rombongan ditemui Wakil Ketua Komnas HAM, Marzuki Darusman, Sekjen Baharuddin Lopa serta anggota-anggota Komnas, Charles Himawan, dan Miriam Budiardjo.

Araujo, serta warga Portugal Prof Antonio Colaco, Antonio Maria Araujo dan Regirio Verera, tiba di Jakarta Selasa siang, dan akan berada di Indonesia selama tujuh hari untuk serangkaian pertemuan tak resmi dengan sejumlah tokoh di Indonesia guna membicarakan berbagai masalah seputar Timor Timur.

UUD Portugal

Selain mengungkapkan kekawatiran serta mempertanyakan berbagai masalah HAM di Timtim, rombongan dari Portugal tersebut, menurut anggota Komnas HAM Charles Himawan kepada *Kompas*, juga mempertanyakan soal kemungkinan "penentuan nasib sendiri" bagi rakyat Timtim.

Komnas, menurut Charles Himawan, menjelaskan bahwa penentuan nasib sendiri tidak selalu berarti suatu negara baru yang berdiri sendiri, akan tetapi dapat pula berarti menentukan nasib sendiri di bawah naungan suatu negara yang sudah berdiri.

Komnas, menurut Charles, bahkan balik mempertanyakan pada rombongan Portugal tersebut, apakah Undang-undang Dasar (UUD) Portugal yang masih memasukkan Timtim sebagai daerah jajahannya juga akan diubah. Terungkap bahwa, ternyata dari empat partai politik yang ada di Portugal belum satupun yang ambil inisiatif untuk mengubah hal tersebut.

Berdasarkan sejumlah keterangan yang diperoleh Komnas tersebut, menurut Charles Himawan, Araujo dan kawan-kawan menyadari, saat ini terdapat banyak salah pengertian antara Portugal dan Indonesia. Untuk menghilangkan salah pengertian ini, pihak Araujo mengusulkan Komnas HAM bekerjasama untuk membuat tulisan bersama *(joint writing)* tentang hukum tata negara kedua negara. Komnas HAM, menurut Charles, menyanggupi usulan ini.

Kedua pihak juga menyadari, bahwa sejumlah informasi yang menggambarkan keadaan Timtim seolah-olah tidak aman, justru akan merugikan rakyat Timtim sendiri.

Menanggapi kritik Portugal, yang selalu menyudutkan pembangunan di Timtim, Komnas HAM mengajak Araujo dan kawan-kawan untuk meyakinkan pengusaha-pengusaha Portugal agar menjadi ujung tombak pembangunan Timtim melalui penanaman modal asing (PMA), apabila Portugal sungguh-sungguh prihatin tentang pengangguran yang ada di Timtim.

"Dengan mengatasi 'HAM perut' lebih dulu, mungkin HAM yang lainnya lebih mudah dipenuhi," demikian Charles Himawan. **(sha)**

Abilio Mengakui Mendapat Banyak Tekanan di Portugal

KOMPAS 8/1/96

Jakarta, Kompas

Tokoh antiintegrasi Dr Abilio Araujo mengakui mendapatkan banyak tekanan di dalam negeri Portugal sehubungan dengan kunjungannya di Indonesia sejak akhir Desember lalu.

"Sebelum saya tiba di sini, ada banyak tekanan dari berbagai pihak yang menganjurkan agar saya membatalkan kunjungan," katanya dalam jumpa pers dengan wartawan di Jakarta, hari Minggu (7/1).

Abilio sudah bertemu dengan Presiden Soeharto, Jumat dan juga sudah "secara diam-diam" menemui berbagai kalangan seperti Menlu, Menristek, Mendikbud, Meninves, Bappenas, Kadin, dan Komnas HAM.

Ia juga menyatakan, kunjungannya ke Indonesia bukan berdasarkan paksaan pihak-pihak tertentu. Abilio pada kesempatan itu didampingi Dubes RI untuk Inggris, J.E. Habibie, dan Dubes Tugas Khusus Deplu, Lopes da Cruz.

"Tidak ada yang paksa saya," katanya, sembari menambahkan bahwa dirinya tidak mewakili kelompok mana pun.

Abilio mengakui sangat terkesan dengan yang dilihatnya di Jakarta, yang merupakan kunjungan pertamanya.

Menurut dia, kunjungannya kali ini "khusus untuk menemui Presiden Soeharto" sehingga tidak ada waktu untuk berkunjung ke Timtim. Ketika diminta menggambarkan posisinya dalam kasus Timtim, ia mengaku sebagai "pendukung rekonsiliasi yang mendukung proses tripartit". Pertemuan Tripartit RI-Portugal dengan fasilitator Sekjen PBB akan dilangsungkan tanggal 16 Januari mendatang.

(Ant)

Wawancara Khusus "Kompas" dengan Dr Abilio Araujo

Perlu Stabilitas di Timtim

TOKOH antiintegrasi Timtim Dr Abilio Araujo untuk beberapa saat berada di Jakarta. Secara khusus ia menemui berbagai kalangan, dari para menteri, Menlu, Menristek, Mendikbud, Meninves, Bappenas, Kadin, hingga Komnas HAM. Bahkan hari Jumat (5/1) secara khusus ia diterima Presiden Soeharto selama sekitar satu jam di kediaman Jalan Cendana, Jakarta. Untuk mengetahui lebih jauh pandangannya tentang masalah Timtim dalam kaitan hubungan Indonesia-Portugal, *Kompas* menurunkan wawancara singkat dengan Dr Abilio Araujo, di Jakarta, Sabtu (6/1). Sebelum meninggalkan Indonesia, hari Minggu (7/1), pukul 10.00 pagi ini, ia secara khusus menyediakan waktu bertemu wartawan Indonesia di

rie

Lagoon Tower Hilton, Jakarta.

Setelah bertemu dengan para tokoh dan pemimpin dan melihat sendiri Indonesia, bagaimana kesan Anda sekarang?

Kesan saya tentang Indonesia, terutama Jakarta, sangat positif. Kunjungan saya kali ini membawa babak baru bagi pengetahuan saya tentang Indonesia sebagai bangsa maupun negara. Saya menyaksikan banyak perkembangan di Indonesia. Saya yakin, bahwa saya bisa belajar banyak dari Indonesia. Indonesia termasuk negara yang berkembang dengan cepat, memainkan banyak peranan penting di dunia, seperti APEC.

Cara penyelesaian apa yang paling baik untuk mengatasi masalah Timtim menurut Anda?

Saya terus mendukung upaya penyelesaian pemerintah melalui dialog segi tiga antara Indonesia dan Portugal di bawah naungan Sekjen PBB guna menemukan cara terbaik untuk masalah Timtim. Tiga tahun lalu, saya menetapkan bahwa upaya rekonsiliasi di antara orang-orang Timtim pasti akan dapat memberi sumbangan penyelesaian masalah Timtim.

Kemauan di antara orang-orang Timtim yang merupakan salah satu tujuan utama Sekjen PBB itu bisa dilihat melalui keterlibatan para orang Timtim yang berasal dari luar maupun dari Indonesia. Saya rasa ini akan menjadi tindakan praktis yang baik bagi penyelesaian secara politis antara Indonesia-Portugal. Saya akan terus berusaha untuk memperluas pandangan publik yang bisa menerima cara penyelesaian rekonsiliasi ini.

Apakah rekonsiliasi merupa-

(Bersambung ke hlm 7 kol 8-9)

KOMPAS
7/1/96

(Sambungan dari halaman 1)

Perlu — —

kan cara terbaik?

Untuk saya, sebagai seorang Timtim yang hanya tahu sedikit-sedikit sejarah Timtim di zaman pra-kolonial, zaman kolonial, dan zaman sekarang, pertama-tama saya melihat perlunya stabilitas di Timtim dan menciptakan kehidupan sosial yang harmonis. Rekonsiliasi sangatlah penting, karena banyaknya rakyat Timtim yang terbagi-bagi, baik dalam pengetahuan sejarah, faktor politik, dan kontradiksi keluarga.

Bisakah diceritakan pertemuan Anda dengan Presiden Soeharto?

Saya merasa sangat terhormat dengan pertemuan bersama Presiden kemarin. Bagi saya pertemuan dengan Yang Mulia Presiden Soeharto itu menjadi saat yang sangat berarti bagi hidup saya. Karena dalam pertemuan sekitar satu jam itu, saya banyak belajar tentang sejarah. Saya pun belajar menghargai kepemimpinan Presiden Soeharto sebagai pemimpin sebuah negara dan bangsa yang besar.

Dalam pertemuan itu, Presiden menunjukkan dukungannya terhadap rekonsiliasi di antara warga Timtim, dan sekali lagi, terus membuka tangan selebarlebarnya bagi seluruh warga Timtim yang ingin menyumbangkan pemikiran bagi pembangunan Timtim. Saya mengatakan, seluruhnya ini merupakan aspek yang sangat menyenangkan hati saya.

Kepada Presiden saya hanya mengatakan, bahwa saya bukanlah orang yang cukup bisa berbasa-basi. Saya katakan pula bahwa saya tidak bisa menjanjikan apa pun. Tapi akan tetap melanjutkan tindakan saya, Timtim yang percaya pada saya. Secara khusus saya meminta kepada Presiden untuk tetap mencintai Timtim. Kami akan meneruskan upaya kami sehingga seluruh warga Timtim bisa mengikuti ritme kehidupan di dunia ini. Setelah kembali, saya akan menceritakan pertemuan ini kepada kawan-kawan saya di Lisbon, dan Menlu Portugal.

Bagaimana Anda memandang masalah itu sendiri?

Yah, saya percaya bahwa masih ada masalah. Karena itu, kita harus terus bekerja sama, bergandengan tangan untuk membangun rasa saling percaya. Saya percaya, banyak orang yang ingin segera menyelesaikan masalah ini. Jika kita semua mencintai Timtim, kita harus melupakan kepentingan pribadi kita dan membuka diri untuk berbicara.

Menurut Anda apakah sekarang ini masih banyak warga Portugal yang masih tetap mencintai Timtim?

Saya yakin masih banyak warga Portugal yang masih mencintai Timtim. Ketika kita bicara dengan mereka, mereka merasa sangat sedih. Tapi mereka itu memang merupakan masyarakat yang termasuk *silent minority*. Tapi saya yakin masih banyak yang simpati dengan tindakan saya. (rie/rh)

Source : A Capital
Date : 12 January 1996
Dateline : Lisbon
Scope : Abridged
Original Language Portuguese
Headline : ABILIO ARAUJO CONCERNED ABOUT TIMOR'S DEVELOPMENT

Timorese politician, Abilio Araujo, thinks that priority should be given to development in East Timor, even if that means that Indonesia's occupation of the territory continues. In an interview with the Lusa agency, two days after he returned from a visit to Indonesia, during which he was received by President Suharto, Araujo admitted that he had changed his views on the question of Timor.

After years, as Chairman of Fretilin, of calling for self-determination for the former Portuguese colony, the politician-entrepreneur now thinks that independence "in the absence of development would be like going into reverse".

"Right now, the country that is able to develop East Timor is Indonesia, which is already there", said Araujo. He explained the U-turn in his views by saying that the talks between Portugal and Indonesia on the territory could drag on for "another 10, 15 or 20 years".

Araujo said that his having abandoned the fight for independence did not mean he had decided to support the territory's integration with Indonesia. "Nowadays, I do not address such questions (integration or independence), but see things in a different, broader perspective". He saw a need to put greater emphasis on developing East Timor than on the decision about its political status.

Araujo himself is determined to promote development there, which is why he is backing the construction of the Lospalos dam project... He also intends to get other projects underway (for example, production of tomatoes for export), and challenges other Timorese entrepreneurs and specialists to invest in the territory.

"I want to catapult Timor onto the same level as other more developed countries in the region", such as Singapore, Thailand, and Malaysia, he said. ... "I don't care whether I give the advantage to Indonesia. What I do care about are the Timorese."

The businessman said he was prepared to sacrifice his political career in exchange for the construction of the hydroelectric dam, which has led him to associate with some leading figures of the Indonesian regime, such as the Indonesian Ambassador to the UK, Habibie (brother of the Minister for Science and Technology), and the Governor of East Timor, Abilio Osorio.

Araujo emphasised, however, that prioritising development in East Timor could not be disassociated from respect for human rights, as he believed the two concepts were inseparable. ....

With regard to his meeting with Suharto, .. Araujo said he had been given the President's assurances that "measures to improve the situation in the territory were going to be taken". He declined to go into details, however, until after his meeting on Friday with Portuguese Foreign Minister Jaime Gama. He would only say that he informed Suharto about the strategy which, he believed, would create a suitable atmosphere in which development in East Timor could thrive. The basis for said strategy would be: pacification, demilitarisation, Timorisation of the administration, and reconciliation.

On the subject of demilitarisation, Araujo considered Indonesia's military presence in East Timor to be "exaggerated to an extreme", because the real number of troops is actually "far greater than the official number".

Majalah Berita Mingguan GATRA, 20 Januari 1996 (No.10/II).
Rubrik : Nasional

TIMOR TIMUR

Presiden Fretilin Bicara Lain

Rekonsiliasi pro dan antiintegrasi adalah jalan membangun Tim-Tim.

PRESIDEN Fretilin, Dr. Abilio Araujo, yang selama ini bermukim di Portugal, pada 26 Desember 1995 hingga 7 Januari 1996, bertandang ke Jakarta. Sekitar 10 hari, lelaki berusia 46 tahun itu mengelilingi Ibu Kota dan bertemu dengan sejumlah pejabat tinggi negara " ia tak ke Dili " bersama Duta Besar Keliling RI, F.X. Lopes da Cruz dan Duta Besar RI di Inggris, J.E. Habibie.
Araujo, antara lain, bertemu dengan Menteri Riset dan Teknologi B.J. Habibie, Menteri Luar Negeri Ali Alatas, Menteri Negara Perencanaan Pembangunan Nasional Ginandjar Kartasasmita, dan Ketua Kadin Aburizal Bakrie. Bahkan ia dapat bersua dan bercakap-cakap selama sekitar satu jam dengan Presiden Soeharto, di Jalan Cendana, Jakarta, 5 Januari lalu.
Inilah untuk pertama kali Araujo berkunjung ke Indonesia, sejak meninggalkan Timor Timur pada 1976, atau sesaat sebelum Timor Timur berintegrasi dengan Indonesia. Di negeri orang, ia melontarkan tuntutan keras untuk menyelesaikan masalah Timor Timur. Pertama, adakan referendum. Kedua, agar rakyat Timor Timur diberi hak untuk menentukan nasib sendiri. Ketiga, tarik semua tentara Indonesia dari Timor Timur.
Belakangan sikap lelaki bergelar doktor yang memiliki bisnis ekspor-impor di Lisabon (ibu kota Portugal) tersebut melunak. Ia mendukung penyelenggaraan all-inclusive East Timorese Dialog " forum dialog antar-rakyat Timor Timur yang mendukung dan menentang integrasi " yang dilakukan di London (1994) dan Austria (1995). Akibatnya, ia sempat bentrok dengan Ramos Horta, pentolan Fretilin di luar negeri lainnya. Tapi akhirnya Araujo bisa meyakinkan Horta untuk hadir dalam pertemuan di Austria.
Setahun lalu, Araujo melayangkan surat ke Presiden Soeharto, untuk bisa bertemu. Dan keinginannya terpenuhi. Meski tak sempat ke Dili, ia merasa puas dapat berkunjung ke Indonesia. Ia juga mengaku begitu terkesan pada sambutan Presiden Soeharto. "Ketika berjabatan tangan, beliau mengatakan God bless you. Itu membuat saya tersentuh sekali," Araujo mengenang.
Kini Araujo telah kembali ke Portugal. Dalam pembicaraan lewat telepon dengan Genot Widjoseno dari Gatra, Araujo menuturkan pengalamannya selama di Indonesia, dan mengungkapkan gagasannya untuk menyelesaikan masalah Timor Timur. Petikannya:

Apa reaksi masyarakat Timor Timur di Portugal atas kunjungan Anda ke Indonesia?

Positif. Saya pergi dan bertemu dengan Yang Mulia Presiden Soeharto, lalu saya kembali untuk bekerja. Dan segalanya berjalan lancar.

Ada yang protes?

Tidak. Mayoritas orang yang saya wakili sangat senang saya dapat bertemu dengan Bapak Presiden.

Menurut Anda, apa yang harus dilakukan di Timor Timur?

Yang terpenting harus ada tenggang rasa, saling menghormati sesama, dan mengupayakan stabilitas. Karena stabilitas adalah syarat utama buat kesejahteraan rakyat. Dan saya akan membantu semampu saya.

Tapi kan masih ada kelompok yang selalu bikin ricuh?

Kita harus lihat mengapa mereka melakukan hal itu. Itu sebabnya semua pihak yang berkepentingan harus berdialog dan berupaya menemukan konsensus, agar semua masalah dapat diselesaikan, terutama hal-hal yang mengganggu stabilitas. Dengan demikian, para investor akan datang ke sana untuk menanam modalnya, agar kemakmuran dapat diciptakan di Timor Timur.

Bagaimana bisa stabil kalau kelompok antiintegrasi di luar negeri terus melakukan provokasi?

Itu sebabnya saya menyetujui adanya pertemuan rekonsiliasi antara berbagai kelompok dan faksi masyarakat Timor Timur. Hanya dengan dialog, kita mendiskusikan dan mengatasi problem yang ada. Jika kita tetap terpecah dan tak membicarakan satu sama lain, maka tiap kelompok hanya meyakini kebenarannya masing-masing.